

O PÃO

DA PADARIA ESPIRITUAL

AMOR E TRABALHO

Director—ANTONIO SALLES.

Gerente—SABINO BAPTISTA.

ANNO II

Fortaleza, 1.º de Novembro de 1895.

NUM. 27

EXPEDIENTE

Assignaturas por um trimestre 2\$000
Numero avulso. 500
Pagamentos adiantados.

O Pão publica-se duas vezes por mez.

SUMARIO:—*Os quinze dias*, Moacyr Ju-
rema, *Primeiro amor*, João de Deus;
—*A primeira energia*, Arthur Theophi-
lo;—*Historia vulgar*, C. Brunetto;—
Cartas Litterarias, Rodolpho Theophi-
lo;—*Idyl*, Livio Barreto;—*Biblio-
graphia*, A. T.;—*Hymno da Padaria
Espiritual*, Antonio Salles;—*Cabello
branco*, Gomes Leal;—*Os sinos*, Ca-
bral de Alencar;—*Antithese*, Augusto
de Lima;—*Imprensa Litteraria*, Sate-
ro Alegrete;—*Dia de finados*, Rodol-
pho Theophilo;—*Recados*, M.;—*Irmãs
gêmeas*, Lopes Filho;—*Archevo*;—*Noi-
te de inverno*, Antonio de Castro;—
Carteira.

Os quinze dias

É nada de cajús!

Pelos modos, não temos safra este an-
no, para desespero dos vinhateiros que
estavam de vasilhame prompto para a
colheita annual.

Caipora a nossa terra!

Nem café, nem algodão houve, nem
cajús haverá, ao que dizem os entendidos.

Braços de menos, inverno de mais, eis
a causa deste estado de cousas.

Que outros lastimem a falta de café e
de algodão; eu limito-me a lamentar a
falta de cajús—com que contava lubri-
ficar a perra engrenagem da minha ma-
china digestiva.

O que ainda me consola é que ha de
haver cajús ao menos para o gasto.

Os senhores vinhateiros, que se arran-
jem com seus tonéis vazios; estando eu
com a minha pansa cheia—é a conta.

Si se podesse encher tudo seria muito
melhor, e nem outra coisa poderia eu de-
sejar quando entre os fabricantes de vi-
nho tem logar proeminente o meu bom
amigo Rodolpho Theophilo, cujos pro-
ductos vinícolas o Caminho preconizou
nas suas *Cartas Litterarias*.

Mas visto que o inverno não quiz que o
Rodolpho engarrafasse as quatro mil du-
zias do costume, que ao menos tome em
algumas barrigadas do precioso succo,
que, como a *ging*, concerta e endireita tu-
do.

Isto é, porém, apenas uma esperança,
porque minha bocca inda está em jejum
de cajú este anno.

As vendedoras rachem os olhos da cara
pelos chôchos e rachiteos cajús que tra-
zem ao mercado.

Gosto muito de cajús, tenho plena con-
fiança nas suas qualidades tonicas, nutriti-
vas e outras, que não vem ao caso especifi-
car—mas não dou um tostão por um cajú
nem á mão de Deus padre, nem que esse
tostão seja o mais soado e estrangalhado
dos cartões da Camara.

Por miserrimo que seja o estado de
um desses cartões—é preciso não esque-
cer que elle é o desdobraimento de uma ri-
ca nota do Thesouro Nacional, trocada
n'um bonde ou onde quer que seja, e que
foi a custa dolles que se construiu aquelle
altissimo pombal onde se abriga o novo
relogio, cujas badaladas serão ouvidas,
dizem, a 7 kilometros de distancia.

Representando o bronze do sino muni-
cipal o producto dos cartões emitidos
pela Camara, e como bronze é o que bron-
ze vale (isto se diz com o ouro, mas não
importa)—segue-se que esses cartões são
bronze para todos os effeitos, só lhes fal-
tando tinir.

∴

Tinindo andou a curiosidade publica ha
dias com adescoberta de uma ossada huma-
na, por occasião da reconstrução de uma
casa á rua do Senador Pompeu.

A policia, porém, não se deu ao traba-
lho de indagar qual era o nome, a idade e
a condição da victima desse crime eviden-
te, mas tão antigo que o seu autor, de
certo, já o está pagando no outro mundo.

A policia fez vista grossa, e bem andou
nisto;—pois valia a pena caçar-se a gen-
te por causa de um punhado de ossos, já
meio destruidos pela acção do tempo?

Fosse quem fosse—que Deus o fave-
reça, concedendo-lhe um logarzinho de
primeira ordem no céu, em compensa-
ção dos dias de vida de que por meios
violentos o privaram na terra.

Mas si o acontecimento nada rende
sob o ponto de vista pollelal, pode ren-
der muito sob o ponto de vista littera-
rio.

Aquella ossada anonyma e amorpha
está a desafiar a penna de um rapaz de
talento e de imaginação para a elabo-
ração de uma novella sensacional, que
poderia chamar-se *O esqueleto*, *Martyr
de amor*, *Estultidade*, ou qualquer outro
título deste genero.

Si os meus labores de chronista o per-
mittissem, seria eu quem empolgaria

essa gloria e—o que é melhor—es-
cobreo.

Mas não dispondo de tempo para tal
fim te e só tempo que me falta), concito
os nossos belletristas a aproveitarem o
assumpto, garantindo-lhes pleno successo.

Pleno é que não foi o successo do
meeting em prol de Cuba.

Poucas pessoas a elle compareceram,
o que não impediu que se esgrimisse va-
lentemente a palavra.

Como americano e como fumante,
sou todo sympathias para com a perora-
das Antifhas.

É desenganar-se a Hespanha—Cuba
está ali e está a estrellar o pavilhão
Yankee.

A formosa creolla estabanoou-se com
o seu senhor castelhano, jurou aos seus
deuses pol-o no olho da rua, e vai enni-
prindo galhardamente o seu juramento.

O pobre Martinez Campos não tem
podido corresponder a expectativa do
seu governo e poucos louros tem junta-
do aos que lhe ornavam—não a fron-
te, que isso já não se usa mais—mas
o peito, onde aliás poucos crachás ca-
beriam ainda.

Em vez da fumarada balsamica dos
bons charutos, o que se aspira hoje ali
é o fumo mal cheiroso da polvora mar-
tiferica, e esta differença não é agrava-
vel a ninguém, nem mesmo a um ge-
neral da estatura de Martinez Campos.

Não ha coração americano que não
pulse alvorogadamente pela victoria de
Cuba.

Na America do Norte, sobretudo, este
interesse se tem concretisado em actos
de protecção ostensiva, como o gene-
nhocimento de belligerancia e outros
que o proprio Eduardo Prado não tava-
ria de illusorios.

Hespanha de minha alma, conveniente
de que a tua pupilla já attingiu a tua
oridade, é uma mulher feita, capaz de
dirigir-se por si e de governar-se sem
auxilio de ninguém.

Abandona o teu papel de tutora, in-
hujenta e gananciosa, deixando que a
valente rapariga gaste o seu talento
como melhor entender.

Nós por aqui somos todos perdidos
por ella—tanto que ja deixamos de fa-
do a questão da Trindade para pensa-
mos exclusivamente na mais formosa
joia do archipelago americano.

As armas! não, quero dizer as car-
teiras, pela victoria de Cuba!

Esses cartões que saiam

Maria X. de J. B.

PRIMEIRO AMOR

(D'uma virgem)

V. JOAQUIM DE ARAUJO

Ó Mãe de minha mãe!
Explica-me o segredo,
Quo eu, mesmo a Deus, sem medo
Não ia confessar!
Aquelle sou olhar...
Persegue-me e receto...
Presinto no meu seto
Erguer-se-me outro altar!

Ea, em o vendo, aspiro
Um ar mais puro, e tremo...
Não sei que abismo tomo,
Ou que ineffavel bem!
Oh e como eu suspiro,
Em extase, o seu nome...
Que enigma me consome.
Ó Mãe de minha mãe...

Lisboa.

JOÃO DE DEUS.

A primeira energia

I

Logo de manhã cedo, a porta do casebre, rangendo se abria, e sahiam para a rua o Liborio e a mulher, — muito lpidos, radiado, — o sapateiro a fazer as compras e beber a sua genebra, e a mulher a ouvir a missa do dia.

As oito horas, a claridade morna da manhã, voltavam os dois, — o velho alegre, roliço, meio bebedor, com a sua cara vermelha e honesta a rir, muito escanbonda e gorda, o kilo de carne verde pendurado no dedo, as fructas sobre o braço e a ponta do cigarro amarello, molhada de saliva, agarrada aos beiços.

A's vezes a velha Paulina se demorava: — « tinha ido ver o compadre Lino que andava muito mal da paralytia, o coitado. Fazia até pena vê-lo; só tinha a pelle sobre os ossos. »

E a voz da boa velhinha tremia toda, para explodir n'um inexpressivo choro de caridade, tenro, de uma infinita ternura, sahido do intimo d'alma, — do misericordioso oscurio da sua crença mystica de devota.

O Liborio, preparando a linha de palmilhar, lambendo-a toda e retorcendo-a, nos dedos, replicava então bondosamente à mulher:

— Ora gente, deixa lá os outros que é melhor cuidar do almoço.

A velhinha, envolta toda — cabeça e corpo — no amplo lençol branco com pontas de cassa, o rosario enrolado na mão, esgueirava-se obediante pelo corredor fallando só:

— Coitadinho, o pobre de Deus!

Mais tarde chegava o aprendiz — o Justino, com um ar de idiota, a cara balofa cheia de sardas, e o bonet de panno fino mettido na cabeça.

II

Começava então a tarefa quotidiana do officio.

E ia-se o dia inteiro n'aquella la-

buta: — o Justino batendo a solla e o velho sapateiro a puxar a linha, assobiando, a face noda lustrando de suor e a camisa de algodãozinho aberta, mostrando o tronco robusto coberto de cabellos brancos encaracolados.

Sentia-se um cheiro de cortume e sarro, e as moscas se aglomeravam no chão, poisadas pelas cusparadas.

Os meninos da vizinhança, cavalgando paços, passavam ás vezes galopando e gritavam:

— Eh jaburú! remendão!

E o velho rindo, rogava tambem:

— Pelotras! olá, cambada!

A' noite, o velho Liborio ia visitar a filha, casada com um quitandeiro bruto que a maltratava.

Quando a filha, em lagrimas, se queixava, o velho resignava-a.

— E ter paciencia, filha, é ter paciencia.

E sahia com o rosto alegre, como se não estivesse soffrendo tanto pela pobresinha e pelo netinho que definhava cheio de vermes, a barriga grande e umas olheiras roxas e muito fundas.

Na volta, passava pela casa do major Lourenço, collector, e dava o cavaco:

Que o Manoel Soares andava cada vez peor; até já batia na pobre. Não sabia o que fazer; ás vezes temia que a sua paciencia se esgotasse. Era um pobre homem incapaz de rugas, mas era pae...

— Você é um banana, deixe que lhe diga. Um torção de bem viver ao patife, homem de Deus.

— Eu já não sei o que fazer, meu compadre. E' um horror!

E despedia-se o paciente velho, pisando de leve com as servilhas do coiro de ovelha, obeso, cumprimentando a todos e o rosto muito vermelho, a rir.

III

Um dia a filha morreu de maus tratos.

O Liborio, vermelho de chorar, alisando os cabellos da defunta, idiota n'aquella terrivel desgraça, vellou a noite toda, muito carinhoso, muito tenro:

— Ella era a luz dos meus olhos, repetia aos que entravam, e morreu minha filhinha a minha unica filhinha. E o Manésinho tão pequenino e orphão... orphão o pobresinho! Olhem: tão magro o bichinho e já orphão. Minha filha morta... morta...

E as lagrimas rolavam impetuosamente, molhando-lhe a face e cahindo-lhe nos beiços, cheios de travo e com um sabor forte de nitrato de prata.

Foi á tardinha o enterro. Chuviscava. Soprava uma brisa forte, bamboleando macabramente com os dobres do sino pelo espaço, trazendo-os ás vezes aos ouvidos do velho, agudos e vibrantes, e afastando-os outras vezes suavemente á proporção que a corrente da ventania ia fugindo.

Entrava pela janella o cheiro da terra molhada, misturando-se ao perfume da alfazema queimada e da cera branca que ardia em tóchas.

Atraz dos irmãos do Sacramento vestidos de opas vermelhas, seguia todo molhado de pingos de chuva va-

garosamente, o caixão negro da defunta, desenhando-se nitidamente sobre o marfim preto a grande cruz de madapalão e o alvor triste das alas.

Torturava ao velho aquelle espectáculo: ver passar á impedida revoltante da garça, o enterro da filha e ouvir, a melancholia d'essa tarde fria de Novembro, recortarem o espaço lugubrememente, as badaladas da campanula do Sacramento e o dobre angustioso do carrilhão da capella.

IV

N'uma terça-feira entrou pela casa do sapateiro a dentro o Raymundo-sachristão, estafado da ardência extenuante da canicula.

— Mestre Liborio, como vaé la' isso então?

— Como pobre, Raymundinho, como pobre...

— Já soube da novidade?

— Que não sabia.

— Pois não soube, homem? O Manoel Soares, o descarado, estava de manceba em casa, — a Marianna, Uma pouca vergonha! Pois não fazia ainda dois mezos que lhe morrera a mulher?! E até costava que elle andava obrigando o filho a tomar a benção a tyta. Um horror! Uma pouca vergonha!

— Pois é lá possível isso, Raymundinho?

— Tão certo como dois e tres serem cinco. Aquillo nunca me enganou, mestre Liborio, nunca.

E sahio apressado fallando da porta: Que ia repicar o sino: — o dia seguinte era de Reis e havia missa do festa.

V

De manhãzinha o sapateiro vestio as pressas o casaco de brim e foi á casa do Manoel Soares.

Na porta ouviu-o ralhando o filho: — Porcahbão, não botes a farinha no café, amarello, papista. Tome á benção á madrinhá, empanturrado, ande, tome a benção.

O menino choramingava:

— Eu quero ir pra casa do dindinho... eu quero.

O velho não se ponde conter; — entrou como um raio, furioso, rubro de colera, espumando.

— Que era uma pouca vergonha, canalha!

A Marianna, o casaco de renda aberto, impudica, cynica, replicou ao velho:

— Ora, o jaburú velho, o tomate de vasante... Gentas!...

Mas não acabou, que o velho a havia desancado com um tremendo sopapo.

O Manoel Soares, espantado d'aquella brusca e inacreditavel energia tentava reagir contra a furia do velho que o esbofeteava e lhe ragava a cara com as unhas, furiosamente, como louco.

Subitamente, voltou ao velho avo ultrajado a reflexão e agarrando o neto pelo braço nervosamente arrastou-o para fora.

Tremia-lhe toda, vibrando de colera, apopleticamente, a carniação sadia e rubra das bochechas. Estava transformado aquelle homem

De fora, e mianhando, elle rugia alto:
—Desavergonhado, toma lá o ensi-
nado, ficaste ali sem o filho, cão dan-
nado.

E resmungava para o neto:
—Vae p'ra casa do dindinho, não
é, dindinho? Eu lhe dou um carrinho...
o dindinho tem uma coisa muito bonita
para você, não é?

E beijava o neto, pela rua a for-
rume de casa, molhado de suor, es-
tufado.

Coimbra, 1835.

ARTHUR THEOPHILLO.

Historia vulgar

Ai, cegos... e quem de amor!

JUVENAL GALIANO.

Um dia viram-se, amaram-se...
Um dia não, uma tarde,
quando o sol descamba e arde,
fulgindo com mais fulgor...
tarde dos tropicos, clara
rutila tarde de amor.

A brisa do mar soprava,
fresca e branda, e confundia
o aere odor da maresia
com o choiro dos bogaris;
pelos moitas verdejantes
davam als as juritis.

Cantos de cigarra ao longe,
ao porto pipilos de aves,
e umas toadas suaves
pelos ares a ecohar;
sombros placidas convi lam
a dormir, a descansar.

Foi assim, em tarde estiva,
que se encontraram sósinhos—
della nos negros olhinhus
ardia intensa paixão,
e nos vivos olhos delle
de gozo ardia um vuleão.

Sósinhos, enamorados,
descançaram longamente
a sombra doce e virente
da mangueira secular...
E ainda lá descançavam
ja alto e bello o luar.

Passaram-se tempos e elles
de descançar não cançavam:
dias e noites levavam
naquelle enlevo sem fim.
Mas findou-se o enlevo um dia,
porque tudo acaba assim.

Separaram-se, Chorosa,
de saudades lanceado
sou coração, triste fado
ella imprecava com dor...
Como acabou tristemente
o lindo idyllio de amor?

Quando elle partiu, deixou lhe
do terno affecto em lembrança
uns versos... Pobre eroança!
tão mesquinho dote herdar
daquelle ingenio abandonado...
Fôra melhor nunca amar!

E não mais do amante ingrato
houve noticia ou memoria.

Do tocante affecto a historia

Afinal resume-se, ai!

—numa mão que morre à fome,
num filho que não tem pai!

Rio—1892.

C. BRUNETA.

Carta Litteraria:

(Conclusão)

Isso tudo é muito bom de dizer de-
baixo de coberta enxuta, com o es-
tomago cheio e a vida ganha. No mi-
lhão de testemunhas da seca de 1877,
asseguro que o Sr. Caminha não en-
contra uma só que seja de sua opi-
nião. Acredito que o meu critico as-
sim pense porque assim disse na
«Normalista» descrevendo o typo do
emigrante.

E vejamos.

Mendonça era creador no alto ser-
tão quando se declarou a seca de
1877.

Atrou-se à lueta com o flagello co-
mo um desesperado. Pelejou até ver
estrebuchar a ultima rez no pateo da
fazenda. Em Dezembro de 1878, sem
esperar o inverno a começar em Ja-
neiro proximo, e depois que tirou o
couro da derradeira vacca, emigra
para a Fortaleza. Vence a travessia,
que era impraticavel pela falta absolu-
ta de pastagem e agua! Mendonça *gor-
do e forte sem ter perdido uma gotta
do puro sangue portuquez que lhe
corre nas largas veias azues*, atravessa
com a mulher e filhos, todos a caval-
lo, os terrados caminhos, e chegam
sãos e salvos a capital, e tão alenta-
das estão ainda as cavalgadas que
passam a trote largo pelas ruas da
cidade! Esta mesma travessia que foi
para todos que emigraram um penoso
Calvario, foi para Mendonça e a fami-
lia uma viagem normal. Traziam os al-
forjes cheios de mantimento e dinhei-
ro em tal abundancia, que sobrou para
quando o chefe da familia se despediu
da filha comprar para ella, *pecos, do-
chita, bordados, baygingans de bom
gosto e mais uma malleta americana*.

A proposito dos cavallos de Men-
donça contou-me um amigo uma his-
toria que ouviu no Aracaty, terra do
Sr. Caminha.

Um velho rico e viajado de volta de
um passeio à Europa contava a um
amorado as suas impressões de via-
gem:

—Em Allemanha, por exemplo,
pondo de parte as maravilhas da arte
e da sciencia, o que deveras me sur-
prehendeu foi ver engordar cavallos
com o vento!

O amigo estupefacto pergunta-lhe
por que lugar do corpo era introduzido
o vento nos animaes.

Pelo ouvido, meu amigo pelo ou-
vido!

Ah, meu critico, pelo ouvido que
esta me introduzindo esta

Esta expellido pelo espirito!

mão, a gordura e o alento dos cav-
los de Mendonça.

Pelo ouvido, repito eu agora in-
troduziu no publico que lê ntu-
peto o Sr. Caminha nas paginas da
«Normalista».

Mendonça é um typo sui-generis e
muito differente de Freitas, o typo
gendario do sertão joazeirense.

O estrante do Sr. Caminha tem a
habilidade de conservar a raça cava-
lar com individuos gordos e sadios
nos mesmos campos em que o gado
buxino morre de fome e sede! Quo-
quanto Freitas na lueta com a seca
perde quasi toda a carne do corpo e
a paz do espirito, Mendonça *emigra
tão forte e valente que mata a fa-
lta da coberta de casaca! que en-
contra em caminho* (textual.)

Os leitores dirão dos dous typos
qual é o mais realense, o mais real.

Outro defeito que o Sr. Caminha
aponta na «Fome» é o abuso, que
faz de termos e descrições scienti-
ficas.

Não duvido que a leitura quotidiana
de obras de sciencia me tenha feito
cubir n'essa falta, mas não a ponto de
sacrificar em scenas que descreva a
esthetica dos quadros que pinto.

Quer o meu critico que eu chame
passarinha em vez de *baco*, *dardalho*
em vez de conjunctiva, *ur do cano*,
Aze Maria, em vez de hemip-
gia?

Não, Sr. Caminha, o modo de dizer
deve estar de perfeito accordo com a
cultura intellectual do individuo.

Eu nunca chamarei *passarinha*, do
mesmo modo que o meu critico nunca
deveria ter preferido a phrase—*o
nem caracol*.

Critica o Sr. Caminha este tex-
to:

«O coração que a pouca densidade
do sangue, a abundancia de *leucocitos*,
tornam irregular e *tumultuosa*, so-
fflignia com soffrimentos atrozes. A
systole e diastole oram incompletas,
acelerados os movimentos do motor
da circulação, as valvulas funcio-
nando mal, deixavam escurrir em parte a
oula sanguinea, ja bastante resobada,
determinando a anemia do cere-
bro.»

Antes de qualquer justificativa ex-
traño o procedimento do meu critico,
pois além de transcrever erradas as
palavras que vão em *palco*, *leucocito*,
tos—em vez de *leucocytos*, *tumul-
tuosa*—em vez de *tumultuosa*, torna o
periodo em uma vergal.

Leia-se a pag. 102 da «Fome» e si
encontrará o final do periodo mutila-
do, que é este:

«causando vertigens, torções zumba-
das nos ouvidos, que os flagellava a
todos os instantes.»

Eu procedi de modo diverso quando
de transcrevi alguns trechos da «Nor-
malista», fui escrupulosissimo com as
vergalas, que não conseguem que mudem
sem de lugar.

Da descrepção acima diz o meu critico
tão deprehendo-se que em uma ex-
hibição e desejo um lugar entre os
ilustrados da terra.

Quanto as exhibições, protestos,
contra o meu critico, não me dá
a menor assa. As descrepções pro-
cedem em lugar de uma exhibição.

de minha cultura intellectual um dia o permittir, a conviver com orolhosos.

Na descripção, que tanto influiu o meu critico, não vejo essa abundancia de physiologia.

Descrevi os inchados do tempo da secca e para não dizer como o Sr. Caminha na Normelista a pag. 30—*Uma vez elle proprio Mendonça viveu de perto a agonia d'uma mulher asphyxiada pela elephantiasis, pernas inchadas, rosto inchado, ventre inchado, horrivel!*—procurei descrever os phenomenos morbidos que observava, mas em um estylo pouco mais decente, do perfeito accordo com a sciencia e com a sua terminologia.

O meu critico começa a historia da tirante inchada do mesmo modo que as velhas as historias de trancozo—Uma vez D. Carochinha encontrou D. Ratinho inchado dentro da panela, etc. etc.

A descripção que fiz dos doentes de anasarca não foi com o fim de alardear conhecimentos; outro foi o meu intento. O Sr. Caminha não o percebeu e nem podia fazelo quem confunde anasarca com elephantiasis.

Essa mesma dyspnæa que o meu critico observou no seu inchado e que julgou asphyxiado pela elephantiasis, eu tambem observei, mas dei-lhe a sua verdadeira causa.

Eu tive em mira estudar n'esses enfermos as desordens produzidas pela diminuição da densidade do sangue, as perturbações se estendendo até os órgãos da vida de relação sem haver uma lesão organica qualquer.

A anasarca, que grassou durante a secca, era uma enfermidade da miseria, uma consequencia da fome. E que cortejo de phenomenos interessantes e exquisitos ao mesmo tempo!

As perturbações da visão determinadas pela hemeralopia, tendo esta como causa a insufficiencia da alimentação, são outros tantos phenomenos morbidos gerados pela fome, pela miseria.

Quantas vezes no começo da secca expreei a falta de azeite das famintos quando via-lhes a pelle coberta de sugas escaamas!

Ignorava eu então aquelle phenomeno physiologico.

Seramente impressionado com o aspecto repugnante da epiderme dos tirantes cheguei a mandar fazer a lavagem a sabão em um desses infelizes; mas qual não foi a minha admiração quando vi que os sujos lavores assistiam á acção do sabão e d'agua!

O Sr. Caminha no meu caso, com o ancor que tem a physiologia e a tudo que é verdade, diagnosticaria logo, como fez com a elephantiasis, uma tibia retirante, devida a um microbio special gerado pela secca e desenvolvido no pó das estradas.

Preocupado com tão estranho phenomeno consultei diversas obras scientificas, até que em boa hora encontrei na « Physiologie Humaine » de Cabanis Le Bon, a explicação do facto n'estes termos a pag. 63:

« La peau était jaune, semblable à un parchemin. L'exhalation, qui dans l'état ordinaire se fait sur toute la surface d'une manière insensible, s'opé-

rait dans ce cas par voie sèche. Les pores de la derme rejetaient une poussière visqueuse qui s'accumulait et se concretant, recouvrait le corps d'une croûte noirâtre, pulvérulente et d'une fluidité horrible. Il n'est pas un seul praticien qui n'ait eu l'occasion d'observer ce fait. Souvent on attribuit cet état de la peau à la malpropreté; au défaut de soin; mais en y faisant plus d'attention, on eût convenu que c'était le résultat d'une alteration profonde des fonctions de l'enveloppe cutanée; car dans les localités dont les ressources permettaient d'envoyer les indigents épuisés à l'hôpital, on mettait ceux-ci vainement aux bains; à peine les lotions avaient elles purifié la surface du corps, que quelques heures suffisant pour qu'elle fut de nouveau recouverte par le produit de cette sécretion anormale. »

Se procedesse assim o meu critico evitaria muitas tantas discalidades, que se notam em seus livros.

Concluindo peço ao Sr. Caminha para ler a « Historia da Secca do Ceará, » dessa tragedia tremenda que teve por theatro a sua terra e minha, pois encontrará nella um farto manancial de factos extraordinarios todos devidamente documentados.

Fortaleza, Setembro de 1895.

RODOLPHO THEOPHILLO.

Idéal

Menina e moça, a primavera em flor,
Um jardim de esperanças e de sonhos;
Dois olhos como o céu puros; dois sonhos
Polvilhados do riso e de amor.

Tom a meiguice da ave mansa; doce
É sua fala; o olhar uma açucena
Alma de flor; de lyrio, de açucena
Qual si de lyrio ou de açucena fosse.

Menina e moça, o riso perfumado
Casto e lyrial da primavera em flor,
Riso de anjo; olhar de anjo, alma de flor,
E, um sonho em riso entreaberto, iriado.

Brotam-lhe os seios, cria formos, nasce,
Vai para a vida, tão mimosa e meiga,
Franzina e airosa, é tão mimosa e meiga
Inda com as cores virginaes na face!

Amo-a! Sonho de artista, eu a procuro
Extasiado em muda adoração!
Em minha vida e longa adoração
Adoro-a como o idéal de meu futuro!

1895.

LIVIO BARRETO.

BIBLIOGRAPHIA

Differentes, contos por Quintino Cunha—1895.

Acabo de ler a *Differentes*, livro de estreia de um rapaz de talento, mas de talento por educar, inabimisso e reacionario.

A gente lê o trabalho do sr. Quintino

Cunha como quem lê um alm-nach, ou a variada gazetilha de um jornal;—há nesse livro estylos de todo o mundo, incoherencias visiveis de eruação, desleixos de fórma, intenções ostensivas de assimilação; mas revela, a despeito de tudo, a enorga forte de uma promettedora vocação.

Ao auctor do *Differentes* falta ainda a personalidade artistica a maneira propria de revestir as concepções bizarras da sua creadora imaginação. E isto so com tempo poderá elle adquirir, si conseguir domar a impetuosidade de seu temperamento, muito pouco propenso a disciplina da Arte.

De entre todas as produções do livro em questão eu destacarei tres que se me afiguram boas e que são affirmação da grande faculdade de assimilação que possui o autor o—*Anno maternal*, *Maculo* e *Historia de um passio*.

Mas quanto a mim nenhuma d'ellas mostra ainda definitivamente a caracteristica do talento do jovem contista e nem por ellas se pôde por emquanto avaliar e prever queres venham a ser os processos literarios a que se ha de submeter a sua imaginação opulenta e fecunda.

O que me atrovo a assoverar de ante-mão é que não será positivamente a imitação a decisiva manifestação do talento do sr. Quintino Cunha; a mim me parece que elle há de ficar um escriptor novo e original, com audacias inriveis de imaginação, fabricando lauces plantasticos como os de Ed. Põe, de mistura com o pessimismo idealista de Schopenhauer.

Revela muita aptidão e grande somma de faculdades imaginativas o *Differentes*; nelle, porém, se encontram a cada passo defectos incontestaveis,—resultantes da intelligencia indisciplinada, e, sobretudo, da organização reaccionaria do autor.

E nem se deve esperar perfeição e apuro num livro que, segundo me informaram, foi quasi todo escripto em casa do editor, entre camaradas alegres, na ancia infantil em que se acclava o autor de publicar o seu primeiro livro.

Agradecendo ao sr. Quintino Cunha a fineza da dedicatória do seu livro a *Padaria Espiritual*, eu lhe aperto a mão pela sua promettedora estreia.

A. T.

Irmãs gêmeas

—Onde reside a Alegria?
Vem d'Alma, ou do Coração?
Eis o que a Philosphia
Pergunta, interroga em vão!

—Onde reside a Tristeza,
A doce irmã da Paixão?
Eis o que, todo incertoza,
O homem pergunta em vão!

No seio da Natureza
Eu as vejo noite e dia.
—Mora tão perto a Tristeza!
Mora tão longe a Alegria...

OS SINOS

Nos campanários que se elevam interrogadoramente no espaço, esbatendo triptozas na macieira ridente das cousas diaphanas, formando nas transparencias do alto, ilhas esguias, tapizadas pelo clamor adormecido dos rituaes e das preces onde vegeta a severidade contemplativa dos templos, habitam elles os solitários sinos, os bronzes feitos monges.

Sobre as paredes que os agasalham se reclina uma concentração somnolenta e desgrenhada, traçando no sombrio de minhas impressões silhuetas de tedio, com esgares immobilizados, calmos de monotonia e de desconsolo.

Elles me apparecem esfumados de evocações, recordando-me dogmas e prophacias que se debruçam sobre os tumulos de minhas crenças, a chorar, no meio de uma serena de interrogações inquietantes, diante da tenebrosa duvida, a edificadora de supplicios, a grande allucinada que vive no desfiando pasadello e angustias nas impaciencias de verdade, a conspirar contra as realidades fugitivas, a preludiar ritos de damnacão nas torvas agonias do ideal, no silencio implacavel e negro do ignoto.

Todos os dias espilham festividades no ar livre, por entre tremulos rendilhamentos de retumbancias juvenes que vivem na nervosa chrystallinidade de minhas sensações como uma ressonancia de gargalhadas gigantescas.

Muitas vezes saltam no ar uma legião de sons lentos, embuçados em rythmos de soluções longos e de prantos, que improvisam nostalgias de moribundos no ouro translucido, impalpavel do sol, quando a natureza glorificada ri, e d'uma plangencia funerea, affectiva de pás deslizando sobre ossadas, semelhantes a uma symphonia macabra, destinada a cabalistica celebração ritual de um culto funebre.

Ao seguir o peregrinar de suas vibrações lugubres transporto-me para a abstracção e o emmangando uma espirituallidade luctuosa vejo passarem em toando estrangulamentos de ais, susurros de imprecções, as fatalidades da existencia, a turba livida das lamentações, a flor coroada de lagrimas, o infinito turbilhão das magoas.

E enquanto noticia msoffrimentos, na ostidão do insensivel bailam orgias magnificas, resplandecem apothooses gloriosas, harmonias heroicas, serenidades immortaes.

No assomar garrulo e claro da alva, na emigração pallida das sombras, quando a luz se ergue demanchando o seu borço real estofado de radiosos tons de marmore rosado, elles saudam a infancia do dia, executando murmúrios feitos como para despertar crenças, lavados de simplicidades primitivas.

Uma suavidade estrellejada de enteneccimento brancos, de reminiscencias vagas que me nirvanizam o presente, no evolir de sonhadoras rescendencias do passado, do passado onde vivem apolhadas as minhas recordações entre fumaradas thurbulares de chiméras desfeitas.

E as alegrias dos sons trizam-se nas neozas de um horizonte emocional, coloridas de tran-figurações e de re-

mas, clareando desdibramentos de scenas evocadas, que me deixam distinguir nas vaporizações da saudade velhura trahidas, idyllios desfolhados, paysageis lyrines de affectos mortos, toda a fugitiva caravana de apparições que impiedosamente se foram.

Elles atravessam de extremas unções e de psalmos a despedida das claridades lysicas, apunhalando o recolhimento das turdes agonisantes aquareladas de lilazes marchos, na hora em que na lividez crepuscular parece evoaçarem hysterismos de S. Theresa de Jesus, quando o poente como uma chaga aberta no azul desgrenha-se n'um enraiveccimento de cores arripadas e saingrentas.

No embevecimento de uma esperança de outros tempos, hypnotisado em presentimentos languidos, eu os diviso, num deslumbramento de sonho, no alem das éras, sobre as ruinas das religioes, envoltos n'uma desolação de idolos, abandonados, a presenciarem com sua insensibilidade desafiante florescencias funestas de desequilibrios e de hysteris, mascarados de incertezas, rodendos de novas contemplanções, traçando nos olhares miragens de antiguidades, inquietações do desconhecido, enclausurados n'uma mudez hieroglyphada de suggestividades emigmaticas, guardando sob o cantar das tradições uma cidade de dispersões invisivas, habitadas por phantasmas de ruidos, de jubilos, de emuções extinctas.

Seculos assomam, seculos desapparecem e elles continuam impassiveis, abroquelados na sua eternidade, na ignorancia fria do inanimado, existindo todos os rumores, as commoções, os tumultos, os bramidos da vida, o viajar de gerações para a inconsciencia da natureza, o desfilhar de outras, visitados pelas andorinhas e pelo sol, affagados como por uma primavera de mysterio, atraindo ironias a transitoria materia humana.

CABRAL DE ALENCAR.

1895.

Dia de finados

(NO CEMITERIO)

Festas á morte!... no trevozo imperio
Tremulam galas, desabrocham flores!...
E tudo p'ra carpir os seus amores
Trazer o mundo vem ao cemiterio.

E passa a turba, que só tem de serio
Do traje as negras e tristonhas cores!
No rosto a mascara de pungentes dores,
Os risos disfarçando em ar funereo.

Mas o motejo não attinge á valla,
Só os marmores cobrem-se do gala:
E' a festa da vaidade, da riqueza,...

Onde os restos dos pobres? ninguém sa-
(be!...

Nem um cyrio, nem flores!... Não lhes cabe
o minimo quinhão d'essa torpeza.

(Das Télévies.)

RODOLPHO THEOPHILLO

Imprensa Litteraria

REVISTA BRASILEIRA, fasciculo 18.— Mais um numero d'esta importante e criteriosa publicação fluminense, dirigida por José Virissimo, figura em nossa pequena estante. Como os anteriores está interessante e attrahente, exhibindo um avultado cabedal de boa prosa, da qual destacaremos a *Flores de Lactos*, pratorioso trecho de Ruytinundo Correia. Tudo mais que opulenta a paginas da *Revista Brasileira* lê-se não só com agrado como com attenção pois distrahe e ao mesmo tempo instrue.

— O CENACULO, fasciculo 6.— Magnifico este numero da já acreditada publicação paranaense. Traz o retrato do Dr. Monteiro Tourinho e burilados trechos de prosa e verso de Julio Pernetta, Leoncio Correia, E. Pernetta, Elyseo Montarroyos, Dario Velloso, Silveira Netto e outros.

— REVISTA JURIDICA n.º 7 e 8.— Vali preencheudo satisfactoriamente os fins para que foi creada esta bella revista publicada na Capital Federal. Os dois ultimos numeros que temos presente são uma justificada prova das robustas mentalidades de que se compõe a Faculdade Livre de Sciencias Juridicas e Socinas do Rio de Janeiro.

— REVISTA CONTEMPORANEA, numeros 17, 18 e 19.— Dia a dia vae esta sympathica revista se tornando cada vez mais interessante e attrahente. Esforços não tem ella poupado para impulsionar o movimento intellectual de Pernambuco, cuja evolução já se vai tornando bastante notavel. E para esse desideratum tem concorrido não só a boa orientação que lhe tem dado Francisco Pereira e Theotônio Freire, como o concurso intellectual de Clovis Bevilacqua, Carlos Porto Carreiro, Paulo de Arruda, Miguel Birros, Demosthenes de Olinda e outros.

Dois bons numeros estes da acreditada revista pernambucana.

— A MADRUGADA, numero correspondente a Setembro findo.— Estampa os retratos do distincto republicano portuguez Alves Correia e do masculo jornalista e orador brasileiro José do Patrocinio, redactor chefe da *Chave do Rio*.

Da collaboração litteraria destacamos duas bonitas poesias o soneto *Diana*, de Julio Brandão, e uma harmoniosa quadra de Fernando Caldeira.

— Assim como um bem acabado trecho de prosa de Alberto Pimentel—*A Partida das Andorinhas*. E' pena que estas alludidas composições se achem misturadas com a prosa asiatica e pifia do celebre dentista Oscar Leal.

— PHENIX CAIXEIRA, numero 52 e 53.— Os incansaveis rapazes da Phenix fizeram reaparecer o seu organ na imprensa que se publicara de ora avante mensalmente trazendo as luctuções que os intelligentes phenixtas compõe nas pnonos horas que lhes sobram dos labores do commercio.

Os dois numeros que temos presente estão repletos de boa prosa e versos destacando-se entre a collaboração poetica um magnifico soneto de Antonio Ivo intitulado—*Na Igreja*.

— A PRIMA — Temos o primeiro nu-

mero desta revista litteraria e scientifica que acaba de apparecer nesta capital. Traz o retrato do Dr. Guilherme Studart e uma boa collaboração do Dr. Thomaz Pompeu, Annibal Theophilo, Marcolino Fagundes, Rodrigues de Carvalho e outros. Registrando o seu apparecimento auguramos-lhe um longo e brilhante tirocinio.

Temos mais a accusar a recepção das seguintes revistas: do Recife, *Allustração*, n.º 16 e *Vanguarda*, n.º 7; da Bahia, *A Renascença*, n.º 34, *Sirius*, n.º 15 e 16, e *Revista do Norte*, n.º 13 e 14; do Rio de Janeiro, *A Opala*, n.º 1 a 7 e *Sirius*, n.º 1 a 6; do Paraná, *O Club Curitiba* n.º 15 e 16; do Maranhão, *a Philomatia*, n.º 1; do Pará, *a Palmaria*, n.º 1 e 2.

A todos os collegas nos confessamos gratos, promettendo ser pontual na remessa d' *o Pão* de cada... quinzena.

SAYRÔ ALBERTI.

Hymno da Padaria Espiritual

(MUSICA DE ANTONIO RAYOL)

Em busca do templo d'Arte
Marchemos com santo ardor
A desfraldar o estandarte
Da Intelligencia e do Amor!

CÔRO

Luctemos, luctemos
Das letras em prol!
As fronte ornemos
De raios de sol!

Dos aureos clarins da gloria,
Festiva, rebôa além
A voz que impelle a victoria
Os luctadores do Bem.

CÔRO

Luctemos, etc.

Sob esta amplitude profunda
Ergamos um branco altar
A' Arte que nos inunda
Com as benções do seu olhar.

CÔRO

Luctemos, etc.

Que a nossa ardente cohorte,
Na cruzada do Ideal,
Levante em terras do Norte
Padrões de gloria immortal!

CÔRO

Luctemos, etc.

22-10-95.

ANTONIO SALLES.

Cabello branco

Cabello branco primeiro,
Primeira nuvem no céu,
Primeira flor de espinheiro,
Primeiro amor que morreu.

Lisbôa

GOMES LEAL

Rocados

O Sr. José Pacheco Dantas, de Ceará mirim (Rio Grande do Norte) escreve-nos solicitando uma assignatura d' *O Pão* — o que é mais — o lugar de socio correspondente da Padaria.

Pede-nos tambem o Sr. Dantas a publicação de uma «litteratura» que nós envia e que é a seguinte:

NOITE DE S. JOÃO

Offerrecida no brinco poeta Rio-grandense do Norte — Dr. Segundo Wanderley.

Em cada porta flamejante estava
Fogueira alliva no relvoso chão!
Em cada casa — festivas delicias
No céu da vida s'elevava então

O silencio rude da cidade era
Só despertado por um tal clarão;
Pelo estalido divertido, e forte
Do buscapé que circulava o chão.

As moças iam procurar nos livros
A sua triste ceifadora morte;
Si era bello, s'era rico ou pobre
O seu futuro; consultava a sorte.

E ai d'aquella qu'infeliz noticia
Sabe do livro, que compulsa agora,
Porque transforma na tristeza o riso,
E, pensativa, coitadinha chora,

A meia noite os rapazes seguem
Ao banho no rio, ejas aguas são,
Puras, suaves com'outra consistencia
Serem as lymphas do vital Jordão.

Na face — espelho, que reflecte tudo,
Que se desliza pelo coração
O riso impera; eu te saudo, bella,
Noite do grande Precursor JOÃO!

JOSE PACHECO DANTAS.

Ceará-mirim — Rio Grande do Norte.

Ahi tem o Sr. Dantas em letra de forma o seu interessante trabalho, que estamos certos, será recebido com especial agrado.

Agora é o Sr. Dantas mandar-nos a lista das assignaturas que angariar, acompanhada dos respectivos cobres.

Quanto ao lugar de nosso socio correspondente, nada podemos por ora resolver....

Em nossa proxima reunião, trataremos d'esta magna questão e lhe communicaremos o resultado.

Mas em quanto o pão vai e vem, vá o Sr. Dantas cumprindo o promettido dando-nos uma farta lista de assignaturas.

Uma mão (olhe que não é um *maão*) lava a outra... Portanto, mecha-se, Sr. Dantas!

E em quanto estamos com a mão na massa registremos tambem a recepção da seguinte carta, dirigida ao nosso collega Roberto d'Alencar:

Granja 10 de Novembro de 1895.

Sr. Redactor do Jornal *Pão*.

Saudé e fraternidade lhe saúdo.

Pesso-vos para dignar a receber este

diminuto soneto a que achei mais lícito mandar para o vosso digno jornal *Pão*.

Do am.º obr.º

HORACIO LIMA.

O soneto do Sr. Lima é o que se segue e que publicamos com o maior prazer, na certeza de que com que elle muito folgarão os nossos leitores.

SONETO

A ROBERTO D'ALENCAR

ELIZA

Oh Eliza como és bella
Rutilante como o sol
Nas manhãs de Abril
Ao canto do rouxinol

Quando a noite te recolhes
Em que palpita peito meu
Em que silencio profundo
Cahistes nos braços d'Orphão

Bu vou tarde despedir-me
D'aquella ingrata formozza!
seu corpo tão delgadinho
Suas faces cor d'uma roza.

Oh Eliza quanto te amo
Que meu coração já dylira
Tuas faces cor de roza,
Teus olhos cor de Saphira.

Tenho por armas fortes
Papel penna e tinteiro,
Tenho por medico a morte
Tenho o coração por infermeiro.

Se outro te dezesasse
Na mais firme perfeição,
E que eu a ti unasse
No entre do meu coração.

HORACIO LIMA.

Apesar do seu saborzinho nephelobata, é primoroso.

Lamentamos apenas que o sr. Lima não nos prometta tambem alguma assignatura.

Ainda assim, sr. Lima, mande-nos mais sonetos!

Arthur Azevedo, em suas *Palavras d'O Pão* referiu-se menos lisonjeira comquanto delicadamente, aos *Chronos* de X. de Castro.

Increpem-me embora de suspeito, eu sempre direi ao Arthur que não estou de accordo com suas opiniões sobre esse livro.

Deus me perdoe! mas até quer parecer-me que o Arthur escreveu de oitiva.

É possível que se o fino humorista d'O Pão lesse com attenção (ou mesmo sem esta) os *Chronos*, não achasse graça, naturalidade e delicadeza nesses sonetinhos que são outras tantas pequeninas telas em que se copiam do natural scenas e episodios da vida cearense?

Pois olha, Arthur de minha alma essas pequenas peças humoristicas e descriptivas a que o autor deu o título

hoje generico de *Chromós*—são o que ha de mais legitimamente cearense. Não não ha ali um traço nem um matiz que não seja authentico.

Podes dizer que o desenho não é correcto, não é artistico, não é parnasiano; vá lá, não t'o contesto. O colorido porém é admiravelmente exacto e bem distribuido.

X. de Castro não era um artista do verso, bom o sei; mas era um observador agaz e delicado, tendo esse dom pouco trivial de apunhar a nota frizante e característica de uma scena qualquer.

E a essa qualidade deve elle o successo que obteve, successo real, comprovado não só pelo prompto esgotamento da edição como pela soffrençidão com que foi lido o livro e commentado com enthusiasmo em todas rotas.

O que parece, Arthur, é que a tua longa permanencia nessa grande capital estrangeirada e incharacteristica em botou-te o gosto por esses productos da poesia nativa, singela e desataviada de requiltes parnasianos.

Deve ser isso, porque eu, como provinciano e *cabeça-chata*—de mais n' mais—gosto doidamente dos *Chromós*.

M.

Antithese

Mongo da fé, martyr do pensamento,
Deixei o gabinete e os alfarrabios,
E, desorente dos mestres e dos sabios,
Fui á montanha interrogar o vento.

Nos desertos rolando o meu lamento,
Beijei a rocha e ensanguentei os labios;
Quanto aos mysterios revelados, sabe-os
Só quem m'os revelou neste momento.

Do que me serves tu, verdade pura,
Si a phrase humana é tão mesquinha e obs-
(cura
Quant) busco arrancar-te ao mundo in-
(torno?

Eis a torna banal deste segredo:
Has de passar, soprou-me o vento a medo,
E a rocha me bradou:—«Serás eterno.»

1895.

AGOSTO DE LIMA.

Archivo

Tuadas recebido o seguinte:

—*Na defensão*, commentarios á morte do Dr. José Maria, por *Justus*;

—*Inspirações*, ensaios em prosa e verso do Sr. Luiz Pinto Pereira de Andrade, de Juiz de Fora; (Minas);

—*Em prol da lavoura*, folheto contendo a serie dos bellos e criteriosos artigos que Garcia Redondo publicou n' *O Pão*; fazendo propaganda dos adubos chimicos para os terrenos da cultura;

—*Cenontologia*, ensaios de sciencia e religião pelo illustrado conego Ulysses Pennaforte, espirito adiantado e enriquecido por largo e severo estudo;

—*Caturezê*, descripção e origem do pico do mesmo nome no Estado da Parahyba do Norte, pelo Sr. Irineu Joffly. Foi editado e distribuido gratuitamente pela *Revista Moderna*, do Recife, nos seus assignantes no dia de seu primeiro anniversario 25 de Agosto do corrente anno.

A todos os autores das obras enunciadas acima enviamos a expressão do nosso reconhecimento.

NOITE DE INVERNO

Noite do inverno fria e tormentosa:
Passa, gemendo, o vento... abro a janella
E olho: a estrada é deserta e tenebrosa:
Não scintilla no céu nem uma estrella.

E enquanto fóra a chuva murmurosa
Cae, e, mais forte, indomita, a procella
Brame e rebrame, sem cessar, furiosa.
Eu, só e triste, me recordo deita.

Corre a noite friorenta, noite escura,
E eu, triste e só, sem ter a meiga e pura
Luz de seus olhos tão fagueira e boa...

Só e triste, escutando a onrouquecida
Voz do trovão que, longe, amortecida,
Longe no espaço, se extinguindo, ochôa

ANTONIO DE CASTRO.

CARTEIRA

MUSICA E THEATRO

Assistimos, domingo ultimo, no *Club Itacema*, a deliciosa festa que a sociedade *Auxiliadora dos Templos* promoveu em beneficio da igreja de N. S. do Patrocinio.

A primeira parte — concerto — foi muito bem executada e o publico applaudiu-a com enthusiasmo. Nella tomaram parte as Exmas. Sras.: Maria A. Queiroz Rabello, Julieta Cunha da Silva, Julieta Motta, Mimosa Viriato de Medeiros, Eulina e Elvira Pinho, Maroquinha Amaral, Rachel Amaral, Elvira Castro, F. Portugal, F. Maranhão, Alice Sampaio e Maria Pessoa.

A 2.ª parte foi a representação do drama *A Filha de Herodes*, produção da talentosa escriptora cearense D. Francisca Clotilde.

O drama foi desempenhado com talento, arte e naturalidade.

Todos os papeis foram bem interpretados e querer melhor, era exigir o impossivel; e demais o publico sabe que todas as que se empenharam para a boa representação do drama são apenas amadoras da arte dramatica. Tomaram parte no desempenho da peça as graciosas demoiselles: Zizinha Rodrigues, Laura Motta, Maesinha, Amelia Castro, Eulina Pinho, Virginia Correa, Laura Azevedo, Sarah Rosas, Maria J. da Silva e Elvira Hollanda.

Terminou a festa com o quadro *As virtudes theologicas*.

Daqui enviamos nossos agradecimentos á sociedade *Auxiliadora dos Templos* que nos proporcionou algumas horas de prazer.

OS AUMENTES

No dia 19 do mez flozto embarcaram para o sul os nossos queridos camaradas José Nava e Waldemiro Cavalcanti—o primeiro para o Recife e o segundo para a Capital Federal.

No dia 21 embarcou tambem o nosso presado consocio Almeida Braga, com destino a Maranhão.

Profundas saudades em nossas almas e grande vacuo em nossas fileiras deixam os tres forasteiros cuja ausencia é, felizmente, temporaria.

Que a aura da fortuna lhes bafoje a rota e os conduza em breve ás plagas cearenses.

CONDOLENCIAS

Muitas e significativas foram as provas de pesar que recebemos por occasião da morte do nosso inolvidavel companheiro Lívio Barretto.

A *Publicação*, o *Diario do Ceará*, a *Ordem*, de Sobral, deram sentidos artigos sobre o triste acontecimento.

A *Mina Litteraria* inseriu um voto de pesar na acta de uma de suas sessões, orando por essa occasião Leopoldo Souza.

No 7.º dia da morte de Lívio mandamos resar na Sé desta capital uma missa a que concorreram todas os Padeiros e alguns amigos do indito poeta.

Do Pará recebemos um telegramma de pesames do Raul de Azevedo, e do Aracaty um outro de Ficsa de Pontes e José Bemvenuto.

A todos os que assim confraternisam com a nossa dor enviamos a expressão do nosso profundo reconhecimento.

HYMNO DA PADARIA

O festejado tenor e compositor A. Rayol, em sua passagem para o norte da Republica, brindou-nos com um formoso hymno que compoz para a nossa associação, e para o qual Antonio Salles escreveu a letra, que hoje publicamos.

Em uma de nossas sessões sera por um grupo de senhoras cantado o formoso hymno, que já mandamos lithographar para tornal-o conhecido do publico.

COLLABORAÇÃO

Aos bons officios de Joaquim de Araujo, nosso correspondente em Genova, devemos a honra de publicar hoje a bella poesia *Primeiro amor* do eminente poeta João de Deus e *Cabellu branco*, primorosa quadrinha de Gomes Leal, o festejado autor do *Anti-Christo*.

Ao nosso illustre consocio agradecemos effusivamente o mimo que faz a *O Pão*, que tanto se honra com o seu brilhantissimo concurso.

OS BRILHANTES

Acha-se concluida a impressão do 1.º volume d'este romance de Rodolpho Theophilus.

O livro terá uma bella capa desenhada pelo Sr. Paulo Cesar, intelligente artista da Lithographia Cearense.

Vae muito adiantada a impressão do 2.º volume.

PREPARADOS PHARMACEUTICOS

A. GONZAGA

LIXIR ESTOMACAL E PILULAS DIGESTIVAS. Unicos medicamentos do Ceara approvados pela Inspectoria de Hygiene do Brazil e premiados na grande Exposição Universal Columbiana de Chicago. São verdadeiros medicamentos contra as molestias do estomago:—Falta de appetite, fraqueza e dores de estomago, digestões difficeis, azias, flatulencia, pezo de cabeça, tonturas, enxaquecas, somnolencia depois da refeição, etc.

PITORAL DE JUCA, COMPOSTO. O melhor medicamento contra as molestias do peito —Bronchite chronica, tosses rebeldes, escarras de sangue, tísica, etc.

XAROPE ANTI-NERVOZO. E' de uma efficacia incontestavel em todas as exarcebacoes do systema nervoso:—Epilepsia, ataques hystericos, palpitações no coração, neurasthenia, vomitos das mulheres gravidas, e coqueluche, etc.

QUINA GONZAGA OU VINHO DAS TRES QUINAS. Poderoso tonico e febrifugo. Contra fraqueza geral, anemia, etc. Mui util como preservativo das febres intermittentes ou sezões e nas convalescencias.

XAROPE DE IODORETO DE CALCIO E EXTRACTO DE NOGUEIRA. Empregado com muita vantagem no começo da tuberculose, lymphatismo, chlorose, glandulas enfiadas e nas molestias de origem escrofulosa.

XAROPE DE ESTIGMAS DE MILHO E BENZOATO DE LITHIO. Medicamento muito efficaz contra affecções catarrhaes da bexiga, na lithiasis renal (calculo ou pedras), rheumatismo gottoso, e engurgitamentos.

TINTURA DE SALSA PARRILHA COMPOSTA. Purificador do sangue empregado com grandes resultados.

GOTTAS ANTI-ODONTALGICAS. Contra dores de dentes, allivio certo, cura quasi sempre.

INJEÇÃO ANTI-BLENORRHAGICA. Cura em pouco tempo blenorragias recentes ou chronicas.

POS DENTRIFICOS. Alveção e conservão os dentes e perfumão a bocca.

TINTA PARA MARCAR ROUPA. Preta e indelevel.

Todos estes medicamentos achão-se a venda na pharmacia Gonzaga.

30 Rua do Major Facundo 30, Ceara.

OLIVEIRA ROLA

Agente de

LEILÕES

Encarrega-se de vender mercadorias, moveis, terrenos, casas, etc., tudo em condições vantajosas.

20 Praça do Ferreira, 20

Telephone 28

GRANDE LOJA DE JOIA

A MAIS ANTIGA DESTE ESTADO

Jóias de ouro, brilhantes e pedras preciosas de todas as cores. **Relógios** de ouro, de prata e nickel, para alibeira, inglezes, americanos, suissos etc. etc. **Relógios** para dadas e banca, despertadores de todos os preços. **Lunetaria** superior de vidraça e graduada (branca e de cores). Objectos para presentes: o mais chic e variado sortimento que se possa desejar.

Vendas garantidas. preços sem competencia.

Jacques Wipac

RUA DO MAJOR FACUNDO 70

Estrella do Oriente

Este empório de modas continua a afirmar a sua já reconhecida superioridade, recebendo por todos os vapores tudo o que a industria europea produz de mais fino e mais elegante. A «ESTRELLA DO ORIENTE» avanteja-se pela esmerada escolha dos seus artigos os quaes nao se confundem com as vulgaridades que infestam o nosso mercado.

Assim quem quizer um artigo de **bom gosto** nao tem mais do que procurar a

«ESTRELLA DO ORIENTE»

52—Rua do Major Facundo—52

Aguiar

Esta afamada e importante loja de modas acaba de receber as ultimas novidades que a elegancia parisiense tem inventado ultimamente.

Tudo o que ha de mais moderno em artigos de luxo acaba de chegar para este conhecido estabelecimento, onde a mais chic *demoiselle* e o mais exigente *dandy* encontrarão com que satisfazer os seus extravagantes caprichos, procurando o que precisam no **AGUIAR**.

60, RUA MAJOR FACUNDO

EXP. STUBART Rua Formosa n. 56.